

A PLEBE

Os poderes constituídos
rir-se-ão da vontade popular
emquanto ella se manifestar
dentro dos limites da lei.

QUESDE

Correspondencia para a redacção endereçada á redacção
da A PLEBE

Rua Acre, 19 (provisoriamente) — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS

Anno..... 10\$000 Semestre..... 5\$000
Numero avulso..... \$100 Pacotes: 12 exemplares... 1\$000

Correspondencia para a administração endereçada
a RODOLFO FELIPE

Caixa Postal 195 — S. PAULO

LUTAR OU ESGRAVISAR-SE

O momento actual é a culminância da História. Nunca o mundo passou pelas vicissitudes que actualmente se vivem. Nunca se assistiu a um entrecchoque tão formidável entre as forças progressivas, evoluídas, libertárias, e as forças oppressivas, jesuíticas, conservadoras e reaccionarias como aquelle que actualmente presenciámos. A situação não comporta meias medidas, meios termos: é de vida ou de morte. A burguezia mundial organiza as suas «guardas brancas», os seus «somatens» aluga os seus mercenários e lança-os abruptamente, traiçoeiramente, contra as forças organizadas do proletariado, matando, prendendo e assassinando os seus apóstolos mais fieis e devotos.

Operariado, por sua vez, prepara-se para uma defensiva energica e decidida, respondendo a golpe com golpe, a ataque com ataque, a cilada com cilada, emquanto não chega a hora propicia á derrubada deste pardiço burguez que nos abafa, que nos consome, que nos infelicitá.

É a prova de-se no que se passa na Alemanha, na Italia, na Hespanha, na Irlanda etc.

Todos sentem, burguezia e proletariado, que a situação não comporta transacções, cambalachos, accordos traiçoeiros e manhosos.

De ambos os campos se espera o aniquilamento do inimigo, dos interesses em luta, da disparidade de acções.

Se vencem os operarios será o reinado da liberdade. Se vencerem os burguezes será o prolongamento indefinido e peorado desta escravidão que nos degrada e contra a qual nos erguemos em brados de protesto, em gritos de maldições, em palavras de intensa cólera.

O dilema é este: ou derrota ou ser derrotado completa e inexoravelmente.

Aqui, no Rio, com a greve dos Maritimos e o fechamento da Construcção Civil, que acarretou o encarceramento de muitos operarios e a expulsão de alguns outros, devido á violencia e ao despolismo da violenta policia, o operariado não achou modo mais condigno de responder ás carelas e aos arreganhos dos sicarios do Geminiano do que este: aprender o Esperanto.

Ironia do destino e da fatalidade! Trava-se a maior peleja da História entre opprimidos e oppressores e de cujo desfecho depende a liberdade perenne ou o captivo eterno dos desgraçados de toda a terra, presentes e futuros; mantem-se uma justa formidável e desapiedada entre os interesses do futuro, da paz e da justiça, de um lado, e os interesses do passado, da guerra e da oppressão, de outro, e onde são chamados a combater e a dar o seu concurso todos os paladinos de tão extremados campos, definindo-se attitudes, desmascarando-se hypocrisias, eliminando-se hesitações em todos os meios e em todas as regiões.

Pois num momento destes em que todas as energias, dedicações

e intelligencias são solicitadas e empolgadas ao bom combate pela civilização e pela liberdade: quando se necessita de todos os concursos, todos os esforços e todos os devotamentos sensatos para manter cultivar e desenvolver o calor, o entusiasmo, a abnegação pela manutenção da organização e da associação proletaria, tão perseguida e calumniada pelas forças policiaes, reaccionarias e conservadoras de todos os calibres; os nossos operarios vão iniciar cursos de Esperanto, abandonando a frente da batalha, batendo em retirada, como a penitenciar-se dos sacrificios feitos e dos perigos corridos, desanimados, e lançando o desanimo naquelles que os cercam, que os ajudam, que os coadjuvam.

E nem outra cousa pretende a policia com suas perseguições. O que ella quer, a mando da burguezia, é que nós desistamos do terreno da luta de classes e até que abandonemos os ideais que nos norleiam, que nos guiam, que nos amparam.

Claro, se nós lhe fizetmos a vontade, daremos com isso uma triste ideia de nossa mentalidade e de nossas convicções. Bem diferente deve ser nossa conduda.

Ella quer que nos calemos?

Pois gritamos e agitamos muito mais. Quer que não lutemos? Lutaremos e redobramos de esforços na luta. Expulsa-nos? Iremos lutar em nossos paizes de nascimento. Onde está o homem, está a luta. Prende-nos? Ao sahir continuaremos a falar, a lutar, a trabalhar. Mata-nos? Não precisamos de mais nada. Outros tomarão nosso posto. O homem passa. A ideia é eterna.

ALDO

Mil barreiras impedem a participação das massas laboriosas num parlamento burguez (e de resto, na democracia burguez, não é já mais o parlamento que resolve as questões principais; é a bolsa, são os bancos que decidem), e os trabalhadores sentem e sabem a maravilha, vêm e tocam esta verdade: que o parlamento burguez é uma instituição estranha, um instrumento de oppressão burguez contra o proletariado, instituição de uma classe hostil, de uma minoria de exploradores.—LENINE.

“Umanitá Nova”

Empastelado ha mezes, em Milão, pelos sicarios do fascismo reaccionario, resurge agora *Umanitá Nova* em plena capital do reino, em Roma, revigorada e invencível, a batalhar pela revolução.

Com o destruir uma officina e encarcerar alguns homens não se extingue um ideal: mais uma vez o prova gloriosamente este reaparecimento do quotidiano dos anarchistas da Italia. Suas officinas foram destruidas pela furia vandálica dos lacaios do capitalismo. Seus redactores foram encarcerados. Mas o ideal continuou de pé, indestruclível, e eis que seu valoroso paladino resurge das cinzas mais valoroso que nunca!

É o seguinte o novo endereço da *Umanitá Nova*: Casa del Popolo, Via Capo d'Africa, Roma.

Grande reunião libertaria em S. Paulo

Convidamos a todos os camaradas e sympathizantes a comparecer á reunião que se realizará no dia 28 do corrente, ás 20 horas (8 da noite), no salão Italia-Fausta, sito á rua Florencio de Abreu 45, para tratar-se de assumptos relativos á publicação deste jornal.

Grupo d'A PLEBE.

ENTRE NÓS

Isto aqui é uma secção onde fazemos nosso exame de consciencia, com franqueza e simplicidade, com o desejo unico de corrigir nossos erros e nossas falhas para melhor atendermos ás necessidades de nossa obra, aperfeiçoando-nos e fortalecendo-nos.

É preciso que cada um de nós tenha bem nitida a consciencia da seriedade e da grandez de nossa obra que é obra principalmente de regeneração social. O esta obra de regeneração deve começar pela nossa própria regeneração.

A este respeito, nossos camaradas de *A Vanguarda*, de S. Paulo, em seu penultimo numero, exararam uma serie de conceitos justissimos, que cabem aqui perfeitamente:

«Temos dito já sufficientemente que o burguez é um inutil, é um parasita, é um vampiro. Devemos dizer tambem que a nossa passividade e a nossa inercia ajudam a conservar o predomínio burguez. O facto é que temos por nosso lado o numero, que é o importante, e a razão, que é o essencial. De que mais precisamos para vencer?»

Já está dito por mil maneiras que a revolução dos escravos não a fará o céu: fala-ão os proprios escravos. E fala-ão quando? Tanto mais tarde quanto mais tempo se descuidarem em apetrechar-se, em preparar-se, em criar a força e a cohesão indispensaveis. Essa força não é preciso ir busca-la fóra porque está no nosso meio.

Nós libertarios pretendemos constituir a vanguarda consciente da massa immensa dos escravos. E pois a nós que principalmente cabe a tarefa de orientação e preparo da massa. E é claro que não será de braços cruzados, apathicos e scepticos indifferentes e frios, que poderemos levar a cabo essa gloriosa e heroica tarefa. É necessario esforço, brio, tenacidade, sacrificio, energia. Só assim realizaremos nosso ideal. E só procedendo assim, sem descanso e sem tréguas, com inteireza de animo e constancia de vontade, provaremos que effectivamente queremos realizar nosso ideal.

Não pode haver igualdade entre os exploradores, aos quaes, desde longas gerações, a instrução, a riqueza e os habitos adquiridos crearam um lugar á parte, e os explorados, cuja massa, mesmo nas republicas burguezas mais avançadas, mantém-se opprimida, inculta, ignorante, acobardada e sem cohesão.—LENINE

Teia de Penélope

O movimento operario no Brasil dá justamente a ideia da Teia de Penélope, a qual tecia todo o dia para desmanchar de noite o trabalho quasi acabado.

Nós tambem andamos ha dezenas de annos labutando e esforçando-nos por construir um edificio de resistencia e de educação proletaria, mas, quando julgamos chegado o momento de lhe pôr a cupula, soffremos o desgosto de o ver derrubado desde os alicerces até o tecto: as forças associadas, desagregam-se como por encanto, dispersam-se em todos os sentidos e, passados uns mezes, temos de recommençar esse trabalho modesto e inglorio de chamar a reunir os elementos espalhados e convocar-os novamente ao combate, á luta e á arregimentação.

Custa a comprehender a argila de que é constituído o nosso operario. Em todo o mundo o movimento syndicalista e associativo tem continuidade, cohesão, persistencia e quanto mais hostilizado é, mais pujante e robusto se torna.

Aqui, ao contrario, a prisão de meia duzia, a expulsão de alguns que nasceram no estrangeiro, o fechamento duma sede social, produz a debandada geral, o desmoronamento da organização, o arrefecimento e a esquivança dos operarios ao movimento associativo e á frequencia das sedes sociaes.

O nosso operariado parece que não comprehendeu ainda que se quer o seu lugar no banquete da vida tem de conquistal-o por esforço proprio, a murro, a dente, organizando-se com os seus companheiros, amparando-se e protegendo-se mutuamente.

Pensa que a Questão Social se resolve com palavões de grande effeito; pensa que a luta de classes é uma estrada florida que leva da miseria á fartura ao toque duma varinha magica; pensa que o burguez se vae condoer da sua tristissima sorte e que só para comprazer aos necessitados, vae renunciar ao seu luxo, aos seus prazeres, ás suas riquezas, pegando numa enxada ou num martello, tornando-se igual aos operarios, só para lhes agradar e desarmar a sua hostilidade.

Cegueira absoluta, cegueira completa. Nada se obtem sem nada.

A humanidade vae evoluindo, marchando da escravidão para a liberdade, mas isto á custa de quantas lutas, de quantos sacrificios, de quantas dores e desditas? Tudo que os operarios tem obtido: mais respeito e consideração, augmento de salarios, diminuição de horas de trabalho tem sido á custa de lutas e de batalhas travadas e sustentadas por homens que muitas vezes perderam a vida e liberdade nessas pugnas vehementes, cujos fructos nem sequer chegaram a colher nem a saborear.

E é assim que o patrimonio de liberdades e de garantias se vae avolumando, e cada geração que vem, gozando de todas as vantagens pre-

paradas e acumuladas pelas suas antecessoras, precisa de augmentar e alargar o cabedal colectivo dos que vão beneficiar e auferir as suas successoras.

Se todas as cousas estivessem ao nosso alcance sem sacrificio nem trabalho; se para colher os fructos bastasse só estender a mão e comê-los sem mais aquella, merito algum tirariamos desse facto. É que o merito reside precisamente em conquistar o direito a colher e utilizar os fructos que toda a engrenagem social se esforça por nos sonegar e por nos prohibir.

Em face disto é necessario que os operarios se capacitem e se convençam de que se querem mudar de sorte, só em seus proprios esforços devem confiar. E devem tambem se capacitar de que a luta pela existencia não é cousa ephemera e passageira, mas um esforço continuado, assiduo, teimoso, constante. Trabalha-se diariamente, derrama-se ondas de suor para conquistar o pão do corpo. Pois, deve-se trabalhar diariamente, permanentemente, persistentemente, não só para melhorar a qualidade e a quantidade desse pão, como tambem para conquistar e adquirir o pão do espirito; o direito á instrucção,—não só o direito—mas a possibilidade da instrucção, da sciencia, da cultura, da arte, da liberdade.

Relancemos o olhar pelo mundo. Por todo o orbe as hostes proletarias lutam, trabalham, combatem pelo advento duma sociedade fraternal, solidaria e comunista. Do Japão á Inglaterra que succeder-se ininterrupto de greves formidaveis, de rebeliões, de insurreições!...

O Brasil, porém, parece uma excepção á regra. Esperemos que o não seja. E, se o fosse, isso enão só provaria a nossa incapacidade e a nossa inferioridade no concerto do proletariado universal.

Trabalhadores brasileiros! Acordai para a luta! Soou a hora das grandes reivindicações!

DEMÓCRITO.

A Federação dos Trabalhadores preoccupa-se, desde algum tempo, em fundar escolas nas sedes das associações federadas.

Procurando interessar a massa obreira nessa iniciativa, tem a Comissão Federal promovido sessões e conferencias varias da propaganda.

Ultimamente havia deliberado convocar diversos comicios na praça publica, onde seus oradores explicariam aos operarios as vantagens que lhes trariam as escolas, nesta terra de analfabetos. Neste sentido, convocou um comicio, que devia realizar-se domingo passado.

Pois bem: a policia prohibiu a realização do comicio—provando, com isso, mais uma vez:

1.º que a liberdade de reunião e de palavra se acha definitivamente abolida no Ri de Janeiro;

2.º que o governo absolutamente não deseja nenhuma especie de combate ao analfabetismo.

...Está regulando. Registremos.

Explicando...

Em meu artigo «Confrontos» não tive nem quiz ter intuito nenhum de interesse político pois que, absolutamente nunca, o fui e nem me apalho-na tal assumpto, principalmente agora, desiludido, por completo, do regime vigente. Quem acompanhou o meu trabalho na *Voz do Povo* sobre a fallencia da Republica bem pôde disto estar sciente.

Ali estudei as personagens desta joia republicana e acremente estigmatizei os seus perniciosos e degradantes feitos em detrimento todos da entidade—povo—. Assim, no scenario politico em que se desenrola a comedia de successão, pouco se me dá ou interesse que seja A ou B e que deixe de o ser C ou D. Para mim ou para os de orientação opposta ao regime, só pôde haver a fórmula A—B—C—D=O.

No meu referido artigo fui infeliz na expressão do meu intento, e assim, houve inteira inadvertencia não só de minha parte como da dos amigos que exercem a censura na direcção de *A Plebe*. Poderia ter sido evitado ou modificado na expressão.

Mais uma vez dá-se o falso aphorismo de Taylerand de que «as palavras não foram feitas sinão para esconder o pensamento.» Para os hypocritas é este o meio pelo qual escondem o pensamento com a chamada «restrição mental». Para os leaes e de boa fé é o jogo de palavras torcer-lhes o sentido prejudicando-os e é o mal. Não quiz nem trahir o meu pensamento nem mentir ao meu sentimento. Fui impellido a fazel-o pelo odio que nutro ao topetudo despota que grimpou o Cateite. E, para mais rebaixal-o, entendi confrontal-o com o justamente mais detestado dos governos desta esterqueira democratica.

Não me expremi convenientemente, isto é, quiz individualmente demonstrar que um tendo sido ruim, era comtudo, em sentimentos pessoases, superior ao outro. Foi meu intento, sem todavia ter querido demonstrar que não fossem ambos pessimistas. Affonso Karr diz nas «Vespas» que o melhor meio de zurzir os crimes e vícios dos máos, é o da ironia, pelo ridiculo.

Quiz empregar o mesmo methodo em relação aos dois, isto é, a dizer que um o que de bom poderia ter feito, e o outro realmente não fez e do mesmo modo de não que realmente faz sem tendencia para agir de modo opposto. Entre Heliogáballo e Caracalla, em nenhum confronto, poderá resultar nada de bom; nenhuma acção se salva; nenhuma boa qualidade seapura, mesmo a da generosa amizade que entre os salteadores ha; nenhum attributo pessoal os distingue e attenua-os como homens.

Foram aberrações humanas, productos teratologicos que o povo romano teve que aturar. E quantos ainda deste genero não abriga em seu seio a sociedade hodierna?

Variando, embora, a epoca, o meio e a cultura, o que são positivamente os governantes actuaes sinão outros tantos Caracallas e Heliogáballos?

Diz um critico que o extraordinario Machiaveli escrevera «O Principe» em lisonja a Cezar Borgia mas que é, em essencia, uma verdadeira ironia, não comprehendida pelo infame tyranno.

Para entender ou melhor para bem penetrar no sentido de sentenças concatenando o pensamento geral de uma ironia ou de um humour mordaz, necessario se faz, em seu conjunto, um certo grão elevado de cultura ou subtileza intellectual e argucia de espirito que nem todos attingem.

Quem escreve para imprensa o faz para varias especies de leitores, de varios grãos de cultura, mais ou menos desenvolvida ou não e sujeito assim aos gostos de uns e desgostos de outros, de approvação ou reprovação dos conceitos emitidos. Nem a todos pode agradar. E' como um prato para cada gosto dos epicuristas, mas, em essencia, a obedecer a um mesmo comedito de tempero, isto é, a uma determinada orientação doutrinar do jornal, e, como bem anotou a intelligente camarada Maria A. Soares, deve cingir-se ao seu programma. E a este tenho me cingido. Não se pôde conceber de como de um facto politico desenrolado no scenario social, restricto ao mundial, portanto, não se possa induzir ou deduzir uma consequencia ou uma observação, que redunde em prol da propaganda da causa proletaria que defendemos, sómente pelo odio e asco que essa mesma politica nos causa?

Seria um absurdo cingirmo-nos exclusivamente aos regimes dogmaticos das intolerancias doutrinaes. A firmeza revolucionaria não se pôde abalar para quem convicteamente a ella se entrega. De todas as armas devemos lançar mão e aproveitarmos a brecha para cahir de rijo sobre o inimigo. Neste ponto é que está equivocada a camarada Maria Soares, em relação ao que escrevi sobre Mauricio de Lacerda. Apreciei o facto de

dispersão e confusão, em que se afundara o parlamentarismo com o seu reconhecimento e do de Nicanor, para delle deduzir, a nosso favor, o descredito do mesmo, com a agitação decorrente pela desmoralisação do regime.

E, si não, peço a sua attenção para o que frisei neste trecho: «Para elles e para os que aindo alimentavam illusões de seriedade ou effiecia capaz ainda da regeneração do regime que ainda está com o rotulo de republica democratica ou para os que ainda julgavam um bom meio de propaganda socialista, esse facto foi um baque medonho a despertal-os do pesadelo, que os atormentava, desfazendo assim, por completo, as visões que nutriam a respeito das representações para propaganda de regeneração. Como si a um membro gangrenado fosse possivel cural-o com paliativos.» São do mesmo teor os trechos seguintes.

Eu sou um sincero, convicto e intransigente sectario da transformação social por uma outra.

Sou orientado para a transmutação do regime pelo communismo. Sou velho e bem sei que morro sem ter o gosto de ver ainda este meu ideal realisado, mas tenho o consolo de, na altura de minhas forças e convicções, ter sabido defendel-o firme; não o fazendo, destemerosamente porque o sacrificio não seria para mim e sim para os que de mim ainda dependem. Deixo com magua a minha collaboração neste jornal para não mais causar desgostos nem desgostos a «afectarem aos poucos a vida do jornal» a que amo e «não é justo» que o faça. «Não é justo, nem leal». Assim, agradeço a benevolencia dos amigos que sempre me consideraram com distincção e affecto.

Servirei de outro modo e outros meios.

PROF. C. C.

NOTA DA REDACÇÃO—Acreditamos que este caso do artigo *Confrontos* não vem a ser motivo bastante para afastar o nosso amigo Prof. C. C. de entre os collaboradores desta folha. Nem desejamos isso de modo nenhum. De resto, a mutua franqueza, que entre nós deve sempre existir, ao invés de ponto de desunção achamos constitue ponto principal de solida unidade e sadio entendimento. E este caso do artigo *Confrontos*, amigavelmente explicado, foi apenas um caso de mutua franqueza entre camaradas desejosos de bem servir ao ideal commun.

Uma observação. Refere-se acima o Prof. C. C. em «censura» exercida na collaboração deste jornal pelos encarregados de sua feitura. Entenda-se: «censura» no bom sentido de—selecção, uniformidade doutrinar, homogeneidade de criterio. Nem pode ser de outro modo.

A propósito do «Aguentai Firmes»...

E' isto um folheto asqueroso que um perverso, um crapula qualquer vomitou em um dos seus provavelmente habituaes paroxismos de demencia alcoolica.

Só causa extraneza o facto de ter havido quem acceitasse tal encomenda, e quem a effectivasse, e ainda mais quem compre e leia semelhança abjecção.

Ainda os primeiros tem a desculpa, embora sophistica, de ganhar dinheiro, mas os ultimos, achando-lhe espirito, nivelam-se implicitamente com tão torpe individuo.

A linguagem, ou mais propriamente, o calão, é o mais rasteiro imaginavel; suggere a vida de reptil peçonhento que tem arrastado o seu autor.

Depois de muito excremento mental, e phrases insultuosas aos taifeiros, assigna-se elle:—*Lobo do Mar*.

Irrisão, que nos faz recordar a parabolha da Hyena, devorado um cadaver putrefacto, e declarando-se igual ao Leão; do nojento, ignobil e repugnante mollusco, que carrega no dorso uma crosta petrificada e compara o rastro viscoso e nauseante, que deixa nas pedras marinhas, com a esteira do tubarão valente e temerario; e ainda esta outra que vou narrar:

—Um rico fazendeiro tinha, em sua propriedade, um cavallo e um

cão; este, animal valente e animoso, para a caça e vigia, aquelle de boa estampa, porém indolente, insubmisso, só se deixava sellar depois de muito trabalho, e cavalgado, era necessario um pulso rijo e mais rijas chicotadas para excitá-lo a uma corrida, de que tirava o prazer que quizessem gozar, pela vertiginosidade, com que revolotado a fazia.

Os cavallariços temiam-n'o, o dono respeitava-o pela sua fogosidade, e os seus filhos procuravam outro animal, menos ardente para os seus paescios.

O cão, um soberbo Terra-Nova, docil, quasi servil, tinha no entanto o privilegio de brincar com as filhas do amo, saborear os restos das lantias mesadas e dormir em confortavel gurita propria.

Era, porém castigado, pela menor falta, e um dia, espancado, ganindo e uivando, aproximou-se do cavallo, e queixou-se da ingratição dos amos, que não lhe reconheciam a dedicação e lealdade.

Este aconselhou-o a revoltar-se e castigar os seus algozes, e se precisasse de um companheiro... elle estava alli, ás ordens...

Effectivamente, um dia em que o cavallo se revoltara, atirando ao sólo o dono, e em attitudie aggressiva esperava a punição, o cão, querendo mostrar-se tão corajoso, rosnou ameaçadoramente, e quando o amo coleirico pretendeu castigá-lo, mordeu-o.

Acudiu então o cavallo, que, relinchando e escouceando, amedrontou o dono, que, sem demora, mandou pelos peões, laçal-o, subjugal-o e tiral-o das cavallariças, pondo-o no varal. O cão, vendo isto... voltou e ganindo lastimosamente, rabo entre as pernas, lingua pendente, olhar timido e implorante, agachar-se aos pés do amo, festinando humilmente, lambendo-lhe a ferida, como que a pedir perdão. O amo, ainda indignado, deu-lhe um violento ponta-pé, que o arrojou onde estava o cavallo, que, magro, exaustão, pelo trabalho excessivo e punições recebidas, foi corrido para o terreiro, pelo caso raioso, que ladrando e mordendo-lhe furiosamente as ancas, attribuia-lhe o desagrado em que cahira, elle que era bicho de estimação!...

O cavallo, altivo, só lhe fazia dizer:

Prefiro ser miseravel, arrastando carroças pesadas, porém livre, pois só o faço quando o quero, embora não receba ração, do que ser querido e feliz, comendo restos, e prestando-me aos caprichos humilhantes do meu dono, sua familia e até da creadagem. Depois, vieste me pedir um conselho, e eu t'o dei; si o seguiste sem o comprehender, deves te queixar da tua propria burrice, e morderes o teu proprio rabo.

Interessante, pois não?...

JOSÉ ESTEVES DA COSTA.

Os regeneradores da Republica, indignados com os conchavos de que surgiu a chapa Bernardes-Urbano, pensam nesta outra chapa inacreditavel: Ruy-Hermes!

Ruy-Hermes! Ruy e Hermes de braços, ligados numa só parrelha—isso, francamente, não lembraria ao diabo.

Pois lembrou aos cidadãos recentemente atacados do virus regenerador! Afinal, é isso mesmo. Porque isso prova apenas uma coisa muito certa: que esta Republica é uma engenhoca absolutamente irregeneravel...

O principio de «defeza da patria» constitue uma traição do ponto de vista do proletariado e uma legitimação da guerra. E como a guerra, sob a república ou sob a monarchia, estejam os exercitos inimigos em nosso territorio ou em territorio estrangeiro, permanece sempre imperialista, o principio de defeza da patria, vem a ser, de facto, uma cumplicidade com a burguezia imperialista e conquistadora, uma verdadeira traição ao socialismo.—LENINE

Conclusões edificantes

Quando o Sr. Epitacio Pessoa, por um desses bamburrios communs na politicalha, foi feito candidato á presidencia da Republica, alguns de seus thuribularios de então o apresentavam como o unico homem capaz de resolver, no Brasil, a chamada «questão social». Elle proprio, Epitacio, se vangloriava dessa pretensa capacidade. Delegado do Brasil á conferencia de Versalhes, elle chegara e permanecera na Europa num momento escaudante, em que o proletariado revolucionario, ensarilhadas e quebradas as armas da guerra burgueza, retomava seu posto de combate nas trincheiras da guerra social. Os governantes burguezes, mal disfarçando o pavor que lhes ia na alma, adulavam o proletariado, acenando-lhe com uma série de beneficios e corrompendo-lhe alguns antigos chefes. Jouxhaux, Thomas & Cia., admitindo-os e appareando-os, beneficios e corrompidos, no panno verde da Conferencia. Futuro governante do Brasil, o Sr. Epitacio mandava para cá, via Americana, abundantes noticias de suas preocupações e actividades no tocante á famosa «questão social». Naturalmente, suas graves preocupações não iam além de conversas inocuas com os social-trahidores Thomas, Compers, Vanderveldi, Jouxhaux, etc., etc. Mas era preciso captar, sinão os votos (coisa de somenos importancia em materia de eleições no Brasil...), pelo menos as illusões de uma parte, ainda illudivel, do operariado brasileiro. E assim foi que o Sr. Epitacio da Silva Pessoa subiu ao Cateite como candidato da politicalha reinante e do... proletariado. Em nome deste offereciam-lhe ardente apoio o Sr. Nicanor Nascimento, «deputado socialista», a *Razão*, «órgão operario» e varios outros piratas e cretinios, com mais ou menos fumaças socializantes.

Si me não engano, Epitacio subiu ao throno em julho de 1919. Em dezembro desse mesmo anno ou janeiro do anno seguinte, reunia-se em Washington a primeira Conferencia Internacional do Trabalho, segundo deliberação firmada em Versalhes—pelo Sr. Epitacio inclusive. O Brasil já então felizmente presidido pelo candidato «trabalhista» da *Razão* e do bacharel Nicanor, tomou parte também na Conferencia de Washington pela voz e pelos votos de tres delegados e respectiva comparsaria consultiva e tecnica. O «nosso» delegado operario, nomeado pelo Sr. Epitacio—vocês se lembram?—era o deputado mineiro Fausto Ferraz, typo ordinario de bacharel e de imbecil... Como é de ver, a Conferencia de Washington discutiu e adoptou uma porção de projectos e recommendações tendentes á regulamentação internacional do trabalho. Esses projectos e essas recommendações foram naturalmente communicados aos governos dos paizes participantes da Conferencia de Versalhes e da de Washington. Communicados, está visto, para serem applicados, segundo determinação taxativa do tratado de Versalhes, (art. 405 paragrapho 5): cada um dos membros se compromette a, no prazo de um anno a partir do encerramento da sessão da Conferencia (ou, si por motivo de circumstancias excepcionaes tornar-se impossivel fazel-o no prazo de um anno, desde que seja possivel, mas nunca além de dezoito mezes após o encerramento da Conferencia) submeter a recommendação ou o projecto de convenção á autoridade ou autoridades competentes, afim de o transformar em lei ou tomar as medidas de ordem diversa». Pois bem, cabe agora esta intervenção sinão dolorosa, innegavelmente muito interessante: que cumprimento tem dado o Sr. Epitacio aos solennes compromissos pessoalmente firmados em Versalhes no sentido de applicação no Brasil, das recommendações e projectos de convenção que seriam celebrados na Conferencia de Washington? Dou a palavra, para responder, a M. Albert Thomas, o illustissimo social-patriota que exerce as funções de director do Bureau International du Travail, creado pelo Tratado de Versalhes para servir de órgão de centralização e distribuição de todas as informações concernentes á regulamentação internacional das condições dos trabalhadores e do regimen do trabalho». A resposta vem no *Bulletin Officiel* dessa instituição, n. de 19 de janeiro do corrente anno. Vejamos e admiremos-lhe.

O encerramento da Conferencia de Washington se deu no dia 27 de janeiro de 1920. Por consequencia o prazo previsto pelo art. 405 do Tratado de Versalhes expirou a 26 de janeiro ultimo. O referido *Bulletin Officiel*, n. de 19 de janeiro de 1921, publica uma nota sobre a ratificação dos projectos votados pela Conferencia de Washington e o andamento dado das recommendações adoptadas pela Con-

ferencia. Essa nota especifica minuciosamente a maneira como taes e quaes paizes ratificaram ou deram andamento á materia votada em Washington. Paizes cujos parlamentos já votaram uma ou varias leis naquelle sentido: Grecia, Belgica, França, Grã Bretanha. Paizes cujos governos informaram ao Bureau terem já apresentado aos respectivos parlamentos projectos de lei: Argentina, Chile, Italia, Suissa, Tcheco-Slovaquia. Paizes que informaram ao Bureau estarem as decisões de Washington em estudo no sentido da preparação de projectos de lei: Africa do Sul, Alemanha, Austria, Canadá, Dinamarca, Hespanha, India, Japão, Luxemburgo, Noruega, Nicaragua, Panamá, Polonia, Rumania, Sião, Suecia, Venezuela. Paiz cujo governo exprimiu a intenção de submeter ao parlamento os projectos de convenção e as recommendações de Washington: Reino dos Servios, Croatas e Slovacos. Paizes que não tomaram medida alguma: Australia, Bolivia, Brasil, China, Colombia, Cuba, Guatemala, Haiti, Hedjaz, Honduras, Liberia, Paraguay, Paizes Baixos, Persia, Perú, Portugal, Uruguay, Nova Zelandia. Ahi está a resposta. O Brasil, presidido pelo Sr. Epitacio, amigo do «povo humilde e soffredor», até hoje não tomou qualquer especie de medida no sentido de adoptar e adaptar os projectos votados em Washington, muito embora esteja a isso obrigado em virtude de compromisso formal anteriormente firmado pelo proprio Sr. Epitacio. Este, nem ao menos, como os governantes do Reino dos Servios, Croatas e Slovacos, exprimiu ainda a intenção mesmo remota de tomar medidas taes algum dia. O Brasil, cem o Sr. Epitacio á frente, prefere emparelhar na illustre companhia do Haiti, do Hedjaz, da Liberia, da Guatemala, das Honduras...

Nós já sabemos de sobra que o Sr. Epitacio, si tivesse cumprido á risca os compromissos tomados em Versalhes e tivesse promovido uma serie de leis conforme as decisões de Washington, ainda assim nada de realmente serio teria feito em prol da emancipação dos trabalhadores. Leis votadas por parlamentos burguezes são e serão sempre leis de classe capitalista, forçosamente, pois, mais de defeza dos interesses capitalistas que dos interesses proletarios. Já sabemos disso. Mas o que eu pretendo, aqui, é tirar algumas edificantes conclusões do facto comprovado acima: o absoluto e soberano descaço do Sr. Epitacio em relação ás promessas e aos compromissos que tomou quando candidato á presidencia, em materia de «protecção e defeza dos trabalhadores».

1. Nenhum trabalhador deve fiarse em promessas e compromissos de candidatos aos cargos governamentais. Porque todos os candidatos aos cargos governamentais—executivos ou legislativos—mentem cynicamente aos trabalhadores quando lhes promettem beneficios que não pensam nem poderão realizar.

2. Nenhum trabalhador deve fiarse nas palavras dos falsos amigos—marca Nicanor, *Razão*, etc.—que entram nos cambalochos politicos valendo-se de um pretensio prestigio entre as classes obreiras e procuram arrastar estas classes a apoiar seus cambalochos apoiando esse ou aquelle candidato. O exemplo Epitacio deve bastar a quem guarde illusões ainda a este respeito.

3. Os trabalhadores, sejam brasileiros ou não, pouco importa—nada tem de commun com a desgraçada politicalha que arruina este paiz. Consequentemente não devem nunca dar ouvidos aos profissionais dessa politicalha.

4. A emancipação effectiva dos trabalhadores só se verificará em resultado da acção propria dos trabalhadores, brasileiros ou não, irmanados todos num bloco unico. Acção de classe, completamente alheia á politica burgueza mesmo quando tingida de «socialismo» e vigorosamente exercida contra a classe inimiga e seus lacaios: o capitalismo e os politicos e os jornalistas e os pescadores de aguas turvas de todo geito e feitio...

AURELIO CORVINO.

... os exploradores não deixam nunca de transformar o Estado... em instrumento de dominação de sua classe, a classe dos exploradores, sobre os explorados. Por consequente, o proprio Estado democratico, enquanto houver exploradores reinando sobre uma maioria de explorados, será inevitavelmente a democracia dos exploradores.—LE NINE.

O MOMENTO INTERNACIONAL

EUROPA

FRANÇA

Grandiosas demonstrações revolucionárias contra as ameaças de nova guerra

Ebria de sangue e fome de ferro e carvão, a burguezia francesa tem tripudiado sobre a Alemanha vencida, no intuito visível de apoderar-se de vez dos ricos territórios renanos. E essa fúria imperialista tem levado a Europa à beira de uma nova guerra. Mas já não estamos em 1914. O proletariado, vilmente iludido então, não pode ter esquecido, os 5 annos de hecatombe. Elle não marchará, hoje, para o maladouro. Ainda recentemente, em começo de maio, a chamada de algumas classes e a ocupação de outras regiões alemãs, respondeu o proletariado francez com as mais grandiosas demonstrações revolucionárias destes últimos tempos. Ser-nos-ia impossível pormenorizar aqui as noticias que nesse sentido nos vão chegando. Resumiremos.

DECLARAÇÃO DO PARTIDO COMMUNISTA—O Comité Director do Partido Comunista publicou, a 4 de maio, uma enérgica declaração, de que traduzimos os seguintes trechos finais:

«O Partido proclama que os jovens arrancados aos seus lares, ao seu trabalho, à liberdade civil, não estão ligados a nenhum dever para com a minoria de aproveitadores e reacçãoários que obriga o governo a mobilizá-los.

O Partido afirma sua vontade de reforçar, por todos os meios ao seu alcance, os laços de fraternidade que unem os comunistas francezes aos seus irmãos da Alemanha. Juntos, comunistas francezes e comunistas alemães proseguirão na luta contra a oligarchia capitalista dos dois paizes.

Desde já, em face do governo burguez da França, o Partido declara que não cessará de combater, ao lado das organizações operárias, para refrear o imperialismo ameaçador, e que não poupará nenhum esforço para que, da crise actual, agravada pelas complicações inevitáveis, surja logo a Revolução a qual não pode mais o regimen burguez escapar».

A GRANDE SESSÃO DO DIA 5 DE MAIO—Para esse dia convocara a Federação comunista do Sena, um grande comício, que se realizou na sede da União dos Syndicatos do Sena. Mais de 12.000 trabalhadores compareceram. O salão da sede, apesar de immenso, tornou-se pequeno para conter a multidão. Biparte-se pois o comício. Uma fracção da assistência deslocou-se e reune-se num terreno proximo, em plena rua.

Os oradores inscriptos pronunciam discursos vehementes, a cada passo cortados pelos applausos estrondosos da multidão. Os gritos estrugiam: *Abaixo a guerra!*

Mas essa reunião fôra apenas como que a preparação para a formidável demonstração do dia 8, no Pré-St-Gervais.

O MEETING DO DIA 8—Foi um espectáculo colossal, verdadeiramente grandioso. 100.000 manifestantes accorreram à convocação do Comité de Acção contra a Guerra. 65 oradores, distribuidos por 6 tribunas, aringaram a massa formidável dos trabalhadores. As innumeráveis bandeiras vermelhas e negras das organizações comunistas, syndicalistas e anarchistas

flutuavam sobre a multidão, como os labaros da revolta e da esperança que a agitavam e empolgavam naquella grave momento.

E de ver que a burguezia franceza a estas horas terá já concluído que os trabalhadores não mais se deixarão levar pelo o engodo da «união sagrada» para a matança e a ruína dos povos...

BELGICA

A offensiva patronal contra os salarios

Como por toda a parte, crise economica se faz sentir, na Belgica, por ataque geral do patronato contra os salarios.

Graças aos maneios do ministro social-patriota Wauters, a corporação dos mineiros estabeleceu, o anno passado, com os patrões, um accordo segundo o qual os salarios seriam regulados automaticamente pelas flutuações do *index-números*. A comissão nacional mixta das minas foi encarregada de fazer applicar esse convenio. Nesta comissão é que se elaboram as concessões syndicaes durante a crise. Em geral, a redução dos salarios dos mineiros havia attingido 15 %, em maio ultimo. Não se levava em conta, no entanto, a des-ocupação parcial, de um grande numero de mineiros, diminuindo-lhes os recursos de um modo desastroso.

Nas industrias metallurgicas, textiles e de moveis, bem como ainda em outros ramos, continúa a baixa dos salarios. Os desoccupados sobem actualmente a mais de 160.000.

A falta de resistencia combativa por parte das organizações operárias, multiplicam-se as comissões mixtas encarregadas de determinar a diminuição dos salarios.

No inicio da offensiva patronal, declaravam os leaders dos syndicatos que estes não tolerariam a diminuição dos salarios. Ora, as organizações syndicaes não souberam sequer esboçar qualquer movimento de resistencia. O ataque patronal mostrou claramente a incapacidade dos syndicatos no sentido de lhe opporem uma força qualquer. As massas manifestam uma hostilidade surda contra as medidas que as attingem.—W. V. O.

INGLATERRA

A ameaça proletaria

A velha Inglaterra, a Inglaterra conservadora e burgueza, mostra-se de mais em mais emocionada perante a attitude que o proletariado inglez vai adoptando. A crise mineira e seu desenvolvimento tomam mais espaço nos jornaes britannicos do que o conflicto germano-aliado. O que se passa no Clyde, ou no Durham, ou no Sul de Galles, interessa infinitivamente mais o *Morning Post*, o *Daily Telegraph* e o *Times* do que os acontecimentos da Silesia ou do Ruhr. Isso não sóment porque a mentalidade ingleza se mantinha antes de tudo insular, mas tambem e sobretudo porque o capitalismo do Reino Unido se sente abalado em suas mesmas bases.

A ruptura da Triplice-Alliança foi um resultado dessa diplomacia industrial, tão do agrado do tradeunionismo desde fins do seculo XVIII. Os leaders syndicaes negociavam com o poder e com os patrões, entrando em compromissos successivos, sem jamais attestarem contra a ordem constituída. Neste sentido é que o antigo tradeunionismo apparecia como uma força de conservação ou, como se queira, de estagnação. Quando soube-

ram que os conselhos federaes dos ferro-viarios e dos transportes abandonavam os mineiros, o Sr. Lloyd George e os proprietarios das minas acreditaram ter ganho a partida; mas os mineiros continuaram inabalaveis, e eis que, mau grado a decisão dos conselhos federaes, uma onda de revolta subleu os ferroviarios, os dockers, os electricistas, outras corporações mais. São as massas que deliberaram por vontade propria, independentes—e volta a falar-se da greve geral.

Não é pois de admirar que esse fracasso da diplomacia industrial inquiete as classes dominantes da Grã-Bretanha. Ellas se interrogam si verdadeiramente ainda lhes restam meios de resistir à vaga que sobe. Os motins militares fornecem-lhes a medida da docilidade dos reservistas, os quaes, num paiz sem população agricola, se recrutam quasi que exclusivamente nos meios operarios. A aristocracia patronal se vê assim de algum modo desarmada em face das multidões que se recusam a permittir cortes nos seus salarios.

Ha dias o duque de Northumberland, que deve ser um dos grandes accionistas das minas britannicas, falava, nos Communs, da revolução universal ameaçadora. Como o *Morning Post*, elle caçoa do publico inglez, quando pretende que as insurreições proletarias são sustentadas pela finança internacional; ora, as insurreições são dirigidas justamente contra a finança internacional, e o duque de Northumberland faz parte dessa casta olygarchica, tal e qual em Stinnes, em Thyssen, em Schneider, ou em Loucheur. Mas, para nós, esse discurso de Westminster, pronunciado por um dos chefes mais opulentos da aristocracia britannica, vale por uma confissão: a propria Inglaterra official, cuja resistencia parecia tão vigorosa e cuja confiança em si mesma parecia tão firme, já se não crê mais ao abrigo dos acontecimentos, que não param.—PAUL LOUIS.

YUGO-SLAVIA

A reacção burgueza

Não é de agora que a imprensa revolucionaria do occidente se refere ao terror branco que reina na Yugo-Slavia. Lembra-se os leitores da terrivel reacção que domina este desgraçado paiz desde a greve dos mineiros, em dezembro de 1920. Eu tive occasião, nessa epoca, de referir-me ao tratamento barbaro infligido aos operarios—comunistas ou não—pelas autoridades civis e militares. A violencia usada pelo governo nada fica dever á que era empregada outrora por Nicolau II e empregada é hoje por Horthy.

Não se tem limitado o governo a prender e condemnar os operarios a penas varias. Elle tem dissolvido os syndicatos, destruindo assim os órgãos de defesa dos trabalhadores. O operario, desarmado, não pode resistir á burguezia armada. Sua mulher e seus filhos reclamavam pão e elle era obrigado a inclinar-se provisoriamente e a trabalhar nas condições penosas que o patrão lhe offerencia. A exploração aqui foi levada ao extremo: salarios reduzidos, horario de trabalho prolongado. A vida economica é desastrosa: a carestia, inaudita; o mercantilismo desenvolve-se como nunca. Numa palavra: foi tudo mobilizado contra os trabalhadores, que, isolados, não podem mais reagir.

O Partido Comunista yugoslavo foi dissolvido, com todas as suas organizações, e todos os seus

jornaes foram suprimidos. Tambem aqui, tem a burguezia calcado aos pés suas proprias leis, pois que estas asseguravam liberdade absoluta de pensar e escrever.

Quem quer que tenha a ousadia de professar idéas avançadas ou reclamar liberdades elementares, é logo apontado como bolchevista e sem mais cerimonias encarcerado. Innumeraveis são os comunistas levados aos tribunaes. Outros hão sido mobilizados e expedidos para a Albania—quer dizer, para a Siberia yugo-slava.

E é assim como a democracia yugo-slava respeita os direitos dos cidadãos.

O governo é auxiliado, nessa tarefa, consciencemente ou não, pelos social democraticos reformistas, que por todo o paiz pactuam com a burguezia. Seus ataques contra os operarios comunistas são incessantes e o jornal *Socialista* (da Internacional 2^a) não se occupa de outra coisa.

O partido operario socialista e o partido socialdemocrata (à moda Noske) aproveitam-se assim da impossibilidade em que se encontram os comunistas de propagar suas idéas e responder às columnias de ambos.

Tal é, resumida, a situação actual do proletariado yugo-slavo; ella é penosa, mas o operario yugo-slavo guardou sua fé comunista; com a solidariedade internacional dos trabalhadores, elle reorganizará suas fileiras e tomará seu posto no exercito revolucionario — BOJA MITCHOV.

RUSSIA

Um punhado de noticias recentes

A PARTICIPAÇÃO DOS SYNDICATOS NA DIRECÇÃO ECONOMICA—Uma estreita colaboração estabeleceu-se, ultimamente, entre o Conselho Panrusso dos Syndicatos de Economia Nacional. Os representantes dos syndicatos assistem a todas as sessões do Conselho Superior. A ultima decisão sobre os combustiveis foi tomada conforme o parecer do Conselho Panrusso dos Syndicatos.

A FORMAÇÃO DOS TECHNICOS—O syndicato regional metallurgico de Ekaterinburgo se entregou ao trabalho de formar administradores de usinas entre os operarios. Com este intuito, os comités de officinas indicam á secção de educação dos syndicatos os operarios mais capazes, que, depois de terminados seus estudos nas escolas especiaes e de fazerem um estagio pratico ao lado dos melhores directores, são nomeados para os lugares de directores de officinas e fabricas.

A COLLABORAÇÃO DOS INTELLECTUAES—O Conselho Panrusso dos Syndicatos organiza, cada segunda-feira, conferencias scientificas onde os mais eminentes sabios e technicos discutem os problemas actuaes com os chefes dos syndicatos. Os circulos scientificos de Moscou interessam-se vivamente por essas conferencias, que dão os mais brilhantes resultados.

Ultimamente, o engenheiro Kryzkanovsky explicou, a um auditorio selecto, o plano de electrificação, cuja execução assegurará um absoluto triumpho economico a Russia sovietista.

A conferencia de Kryzkanowsky foi seguida de uma animada discussão, na qual tomaram parte os melhores professores, e cientistas de Moscou. Kryzkanovsky, resumindo o debate, exprimiu a sua gratidão aos sabios que haviam

concorrido com sua experiencia e seu saber á discussão do plano de electrificação. Disse mais esperar que a collaboração dos operarios manuaes e intellectuaes muito contribuirá para afastar os obstaculos que se levantam ante a Russia sovietista. A realização do plano de electrificação, concluiu elle, constituirá, por si só, um poderoso motor para o desenvolvimento tecnico da industria russa.

A FACULDADE DE SOCIOLOGIA DE MOSCOU—Os commissarios do povo decidiram augmentar a Faculdade de Sociologia da Universidade de Moscou. Essa Faculdade conta actualmente 3.500 estudantes. Os cursos são dados por 30 professores comunistas. Os estudantes devem preparar-se antes de tudo, para os diversos serviços nos commissariados.

UMA EXPOSIÇÃO DE LITERATURA REVOLUCIONARIA—Inaugurou-se ha pouco, em Petrogrado, uma exposição dos escriptos revolucionarios publicados desde o seculo XVII até aos nossos dias. Essa exposição representa uma extraordinaria riqueza de documentos.

EM PROL DOS COMMISSARIOS DO POVO—A Russia sovietista tem empregado todos os esforços no sentido de salvar os comunistas húngaros á barbara reacção de Horthy. Varios desses comunistas já se acham na Russia saos e salvos, entre elles, Bela Kun.

Litvinov, representante dos Soviets em Copenhague, entrou em negociações directas com o governo húngaro, sobre a base seguinte: os refens húngaros retidos na Russia serão postos em liberdade em troca: 1.º dos commissarios do povo; 2.º de todos os condemnados á morte; 3.º de todos os condemnados a trabalhos forçados perpetuos; 4.º dos funcionarios sovietistas condemnados a varios annos de prisão e das respectivas familias.

Litvinov recebeu plenos poderes, bem como o plenipotenciario húngaro Jungerth, para concluir um accordo definitivo.

USINAS MODELO—O Conselho Superior de Economia Nacional deliberou crear varias usinas e officinas modelo, nas quaes deve conseguir-se o maximo de produção com o minimo de consumo de material e de mão de obra. O trabalho nessas usinas e officinas é rigorosamente organizado segundo principios scientificos.

O grupo de usinas modelo compõe-se de 31 empresas industriaes, a saber:

- 5 usinas metallurgicas,
- 17 fabricas de productos quimicos,
- 1 fabrica de productos graphicos,
- 4 fabricas de tecidos,
- 3 empresas de industria mineira,
- 1 fabrica de materiais de construção.

O Conselho Superior de Economia tenciona transformar uma serie de outras usinas em usinas modelo.

TYPO-ARTE

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS EM GERAL

Cartões de visita e commerciaes, notas facturas, avulsos, revistas, theses, jornaes, etc., etc.

RODRIGUES & OLIVEIRA

Rua S. Jorge, 68

— RIO DE JANEIRO —

CONTINUA o fervilhar e refervilhar da vil política em que vive atolada nossa burguezia... Convenções, dissidências, intrigas, conspirações, manobras, maneios, manipulações... toda a imensa torpeza essencial deste regime mediocrata explode à tona, pipoca à superfície, emanando podridões e fedentinas insuportáveis. Isto dá-nos uma impressão de «salve-se quem puder» sob os escombros da República a esbarrondar-se de podre e roída até ao cerne. Fim de regime! Ora, fim de um regime presuppõe começo de um outro regime. Fim do regime burguez; começo do regime proletário. A história segue seu curso, imperturbavelmente, meus senhores...

tal, digno do estudo dos neurologistas. Mas só neste ponto merece elle a alcunha justa de Daudetinho. No resto, não. Daudet, com todas as suas taras, tem uma qualidade innegável: o talento. E é isto que falta ao nosso reporter, para que pudesse elle vangloriar-se com o appellido de Daudet brasileiro...

TRISTÃO.

Examinai as leis fundamentais dos Estados contemporâneos, examinai seus governos, examinai as liberdades de reunião e de imprensa, examinai a «igualdade dos cidadãos perante a lei», e vereis a cada passo a hipocrisia da democracia burgueza bem conhecida de todo trabalhador honesto e consciente. Não ha Estado algum, mesmo o mais democratico, que não tenha em sua constituição alguma brecha ou reserva que forneça á burguezia o meio de lançar a tropa contra os operarios, de decretar o estado de sitio, etc., «em caso de perturbação da ordem», quer dizer, á menor tentativa da classe explorada no sentido de sacudir a escravidão e tentar viver como ser humano.—LENINE.

Pró Florentino de Carvalho

FESTIVAL DE SOLIDARIEDADE

Organizado por um grupo de operarios, realizar-se-á amanhã, ás 16 horas, na rua Acre, 19, um festival, cujo producto será destinado a auxiliar o companheiro Florentino de Carvalho que se acha gravemente enfermo. Os cartões de ingresso acham-se á venda nas Associações pelo preço de mil réis. Do programma constará de uma conferencia pelo camarada José Oficica, que falará sob o thema: **As lições da politica.**

Lista em beneficio do camarada Florentino de Carvalho, cuja importância lhe foi enviada por intermedio de Manoel Campos.

LISTA Nº 1—Z. 1\$000, C. 1\$000, A. 1\$000, A. T. 1\$060, F. F. 1\$000, T. 2\$000, J. V. 1\$000, J. J. S. 1\$000, A. C. 1\$000, A. F. E. 1\$000, J. L. G. 1\$000, A. F. 1\$000, A. V. 1\$000, M. 2\$000, F. V. 1\$000, A. 600, M. R. M. 1\$000, E. P. 1\$000, J. C. 1\$000, J. P. 1\$000, A. 1\$000, J. T. 1\$000, J. A. 500, A. S. 1\$000, J. F. S. Y. 1\$000. Total 26\$100

LISTA Nº 2—M. A. 2\$000, S. A. 2\$000, A. A. 1\$000, um grupo de sapateiros, 3\$700, um C. 2\$000, W. 1\$000, A. A. 1\$000, H. S. M. 1\$000, P. 2\$000, J. S. 1\$000, L. A. 1\$000, D. Y. 1\$000, A. P. H. 2\$000, A. J. 1\$000, L. M. 1\$000, E. B. 1\$000, J. L. S. 1\$000, J. M. 1\$000, O. B. 2\$000, E. 1\$000, D. F. 1\$000, C. S. 1\$000, C. B. 1\$000, B. A. 2\$000, A. 3\$000, P. B. 2\$000. Total 38\$700.

Total das duas listas 64\$800

... não pode haver igualdade real, effcaz, enquanto não for absolutamente destruída toda possibilidade de exploração de uma classe sobre outra.—LENINE.

Movimento operário

O triste fim de uma greve

Ainda é tempo de um comentário ao fim tristíssimo que teve a greve dos marítimos.

Os factos são conhecidos, para que os pormenorizemos aqui.

Ha tres mezes se achavam os marítimos em greve. Greve difficil, cheia de incidentes varios, de marchas e contra-marchas, de enthusiasmos e decepções.

Agora, a lamentavel coroação do conflicto, com a marca vergonhosa de sua terminação.

Primeiro, foi a defeccão dos marinheiros, entregando a sua causa ao burguezissimo e reaccionario Afranio de Mello Franco.

Depois, a defeccão dos foguistas, appellando para os bons officios do nacionalistas—futuro chefe nacional dos fascistas nacionaes—Alicibiades Delamaré.

E, collando o *finis* desdenhoso a essa triste pagina de nossa historia proletaria, o Sr. Epitacio Pessoa, com os seus ukases definitivos.

Os marítimos não souberam perder a greve. Conduzidos por individuos sem consciencia e sem dignidade, preferiram a humilhação da pedinchagem aviltante a uma derrota total mas digna e soffrida com altivez de animo. E além de collocarem as espadas humilhadas sob a pata do almoz, ainda lhe vão render homenagens pela numificencia com que os espesinhou...

Oh! é doloroso!

Mas nós estamos certos de que a massa de trabalhadores marítimos não comprehendeu bem o vergonhoso papel a que meia duzia de traidores a arrastou.

Então é possível que neste momento historico em que o proletariado do mundo se empenha na ultima batalha formidavel contra a oppressão burgueza, vão os nossos trabalhadores do mar, guiados por uns quantos patifes e aventureiros, rojar-se aos pés do presidente Epitacio, supremo representante da oppressora burguezia nacional?

Os nossos trabalhadores do mar não vêm como procedem os trabalhadores marítimos do resto do mundo?

Pela instrução da classe Operaria Feminina

AO PUBLICO EM GERAL

Sendo necessaria a educação da Classe Operaria Feminina para poder collaborar juntamente com os trabalhadores, na conquista de um pouco mais de bem estar, a *União das Costureiras e Classes Annexas*, com sede á rua Senhor dos Passos A-8 (prolongamento) em assembléa realizada no dia 1º

de Junho, resolveu abrir aulas de *Portuguez e Arithmetica* e, de accordo com seus estatutos, logo que seja possível, serão também iniciadas aulas de *Geometria, Corte e Geographia*.

Sem a educação que necessitamos, não podemos fazer cousa alguma em nosso beneficio, da nossa familia e da nossa União.

Todas as Costureiras, Chapeleiras, Bordadeiras, etc., que desejarem se matricular, obterão informações ás quartas e sextas-feiras, das 18 ás 20 horas, nesla União.

As aulas são absolutamente gratuitas e logo que o numero fôr preenchido, serão inauguradas.

Façamos tudo para melhorar o nosso saber.

O analfabetismo campeia entre as classes trabalhadoras, em especial modo no elemento feminino!

Instruir a mulher é eleva-la, enaltece-la, dignifica-la e encaminha-la para a sua emancipação!

Para o empreendimento desta grande obra, a União conta com todos os trabalhadores, aos quaes dirige o mais vivo appello.

As associadas que deixaram de comparecer á União por qualquer motivo, poderão voltar novamente, isentas do pagamento de mensalidades em atraso.—*A Comissão Executiva.*

Federação Operaria Mineira

JUIZ DE FÓRA (MINAS)

Tendo esta Federação resolvido encetar uma série de conferencias instructivas, convidou o camarada Domingos Passos a inaugurar essa série de conferencias.

Às 12,30 de sabbado, desembarcou nesta localidade o referido camarada que foi recebido na estação por uma commissão da Federação.

Eram precisamente 7 horas da noite quando o camarada M. Gomes Filho deu por aberto os trabalhos e em breve discurso, apresentou á assembléa o camarada Domingos Passos.

Neste momento, a interessante menina Walkyria Pinto Ribeiro em eloquentes phrases saudou o nosso camarada em nome do Gremio Ti-radentes.

Com a palavra o camarada Passos agradece estas manifestações. Falla sobre a organização dos trabalhadores, mostrando-lhes as van-

tagens, evidencia o perigo que offerecem os politicos no nosso meio e refere-se a obra do 3.º Congresso Operario Brasileiro.

Terminou a sua palestra appellando para a dignidade dos trabalhadores mineiros para que procurem por todos os meios a emancipação dos seus camaradas e para a grandeza da organização obreira.

União dos Officiaes Barbeiros—Assembléas—Quintas-feiras ás 20 horas—Rua Senhor dos Passos A-8.

União das Costureiras e Classes Annexas—Assembléas—Quartas-feiras, ás 20 horas—Rua Senhor dos Passos, A-8.

União dos Empregados em Padarias—Reuniões da Comissão Executiva—Quintas-feiras, ás horas—Assembléas geraes—Domingos ás 13 horas.

Associação dos Trabalhadores em Construção Civil—Secretaria e Thesouraria, rua Acre, 19 (sobrado. Expediente, das 9 horas da manhã ás 8 da noite. Assembléas, ás quartas-feiras.

Alliança dos Emorgados no Commercio—Rua Acre, 19—Avisamos aos associados que o prazo para a revisão de matriculas terminará a 30 do corrente. Os associados que se quizeram quitar devem enviar á sede as suas direcções para serem procurados pelo nosso cobrador, ou na sede, aos domingos, das 14 ás 16 horas.—O Secretario Geral.

Sindicato Culinario—Assembléas—Quintas-feiras—às 21 horas—Reunião da Comissão Executiva e delegados, terças-feiras, ás 9 horas da noite.

União dos Alfaiates—Assembléas todas as sextas-feiras á rua Senhor dos Passos A-8.

O anniversario da fundação da Alliança dos Trabalhadores em Mareenarias

A Alliança dos Trabalhadores em Mareenarias, commemorará em 27 do corrente, segunda-feira, o anniversario de sua fundação. Para solemnizar essa data aquelle organismo associativo realizará uma imponente sessão. Fará uma conferencia o dr. Agrippino Nazareth. Haverá também recitativos por diversos companheiros. Será empossada a nova Comissão Executiva da Alliança. Distribuir-se-á gratuitamente o *Resurgir*, órgão da classe.

União dos Talleiros, Culinarios e Panificadores Marítimos

Este organismo promoverá no dia 16 de Julho, um festival no Theatro do Centro Gallego.

O programma da festa é o seguinte:

- I—Ouverture pela orchestra.
- II—Conferencia pelo dr. Agrippino Nazareth.
- III—Drama em 1 acto.
- IV—Comedia em 2 actos.
- V—Acto variado.

Terminará o espectáculo com um bem organizado baile familiar. Os impressos acham-se á venda em todas as associações operarias.

União dos Empregados em Padarias

Esta União realizará um festival, no dia 2 de Julho, ás 9 horas da noite. O programma constará duma apolheose ao trabalho, conferencia sobre a questão social, pelo dr. Mauricio de Lacerda, acto variado e baile familiar. Abrihontará o festival uma banda de musica.

A VANGUARDA

Jornal do Povo Trabalhador

Orgam das organizações proletarias de São Paulo

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS

Assinaturas: Anno, 10\$000 — Semestre, 6\$0000

Redacção e administração

RUA CLAUDINO PINTO, 19 — A (BRAZ)

— SÃO PAULO —